

PRÁTICAS LITERÁRIAS NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Melina Xavier de Sá Morais¹

RESUMO

As discussões por nós apresentadas neste trabalho têm como intuito discorrer sobre o uso do texto literário nas classes de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE). Em termos conceituais analisamos o exercício e/ou a aplicação da leitura nas aulas E/LE como estimuladora do senso crítico e cognitivo dos alunos, bem como sendo capaz de contribuir significativamente para o desenvolvimento linguístico, cultural e imagético por parte dos estudantes de LE. Para tanto realizamos uma pesquisa bibliográfica, de forma exploratória sobre as análises elencadas, em relação ao uso da literatura nas aulas de LE, em especial, das classes de espanhol, como instrumento para desenvolver a consciência e a sensibilidade dos estudantes, seja diante do respeito à cultura do outro, seja diante do comportamento social e cidadão que o jovem deve ter em sala de aula e/ou na sociedade.

PALAVRAS – CHAVE: Texto Literário; Classes de LE; Texto literário nas classes E/LE

1. INTRODUÇÃO

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela [...]. Dado que a literatura ensina na medida, em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do

¹Doutoranda em História social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Bolsista CAPES. Mestre em Teoria Literária pelo programa de pós-graduação em Letras da UFU. Pós-graduada em Ensino de Língua Espanhola e o uso de novas tecnologias e Pós-graduada em História da Arte, pela Universidade Estácio de Sá. (E-mail: melgrecia@yahoo.com.br).

moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

Antonio Candido².

Aos encantos da epígrafe de Antonio Candido (2006), principiamos nosso estudo tendo como análise o texto literário nas classes de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE). Consideramos para este estudo, a grande relevância em se trabalhar de forma coadjuvante as classes de LE (Língua Estrangeira), com o texto literário. Como apresentado acima no excerto, partimos do pressuposto de que a leitura literária tem um forte caráter de formação do indivíduo, que pode mediante a fruição da arte literária, se assim pudermos reputar, moldar valores nos indivíduos, ou melhor, o texto literário para o autor teria o papel de humanizar o leitor, de forma a fazê-lo vivenciar as mais variadas experiências humanas. Ora, através da leitura nos é permitido experienciar sensações às vezes não vividas, através das diversidades culturais apresentadas por uma dada obra (alimentação, vestimenta, religião, credices, dentre outros.) e, assim, nos possibilitar conhecer e respeitar o outro, ou melhor, a cultura do outro (um gesto de alteridade).

Outrossim, partindo do pressuposto de que a literatura seja uma modalidade impar de comunicação, em vista das suas variadas possibilidades de diálogo com leitores das mais variadas épocas, nos permite inferir que o uso do texto literário nas classes de LE corrobora para o desenvolvimento cognitivo, humanitário e crítico dos alunos. Dessa forma, o ensino da literatura nas classes de E/LE, permite aos professores agregar as práticas tradicionais de ensino de LE, o exercício crítico/ reflexivo e interpretativo, de forma a tornar as aulas mais dinâmicas, desafiadoras e motivadoras.

Por outro lado, a linguagem poética permite aos alunos desvendarem o universo da aquisição de uma segunda língua de forma diferenciada, pois através do texto literário os alunos são imersos a uma variedade de formas de linguagens e atividades culturais, bem como interpretativa, o que possibilita o desenvolvimento das habilidades de aprendizagem (audição, fala, escrita e leitura) dos estudantes. A utilização da

² CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

literatura, assim, nas classes E/LE tem para nós uma grande relevância, pois o ser humano nasce apto a desenvolver de forma contínua sua capacidade de cognição, que se dá através da dedicação, do interesse, da disciplina e, principalmente, pelo conhecimento compartilhado (mediado pelo outro). Ao associarmos essa capacidade intelectual humana, ao exercício crítico e reflexivo mediado pelo texto literário, pretendemos agregar novas formas didáticas ao ensino de E/LE e, por conseguinte, formar indivíduos que saibam interagir, indagar e transformar o mundo de maneira autônoma e espontânea.

Com o estudo objetivamos, portanto, permitir aos alunos de E/LE, não apenas conhecimentos linguísticos e/ou gramaticais na aprendizagem de uma segunda língua, mas permitir a eles, sobretudo, a formação integral de um idioma mediante a literatura. O trabalho do texto literário nas classes de E/LE, então se apresenta como um instrumento facilitador e estimulador de ensino, o que permite ao professor trabalhar de forma irreverente e estimuladora do senso crítico e reflexivo dos alunos, já que a literatura aparece nesse processo de ensino como um aparato de imersão cultural. Tal imersão se dá pelo contato com os vocábulos, personagens e descrições apresentadas pelo texto; o estudante entra em contato com a língua a qual se propõe estudar e acaba por assimilar conhecimentos correspondentes à cultura do outro.

Diante dessas colocações, propomos uma metodologia bibliográfica, a fim de analisar o que críticos e estudiosos têm produzido acerca do ensino do texto literário nas classes de E/LE. Para melhor elucidar sobre o ensino da literatura nas classes de LE recorreremos aos textos que abordam a sua utilização não apenas para a aprendizagem de uma segunda língua, como, também, para aquisição de saberes sobre outra cultura. Dessa forma utilizamos os seguintes teóricos: Freire (2011), Machado (2011), Zilberman (2010), Gonçalves (2012) e Candido (2006). De modo específico, nosso trabalho vislumbra a aplicação do texto literário nas classes de E/LE de forma a agregar ao ensino de LE a formação de alunos que não saibam apenas se comunicar em outro idioma, mas que saibam identificar a cultura do outro e que, além do mais, saibam refletir sobre sua própria cultura, bem como sobre as diferenças que perpassam os povos. Ao construirmos alunos críticos e reflexivos, mediante o auxílio do texto literário, possibilitamos aos alunos nas classes de E/LE, cotejar opiniões e pontos de

vista sobre as diferentes linguagens e suas expressões específicas. Por conseguinte, estimulamos o diálogo entre alunos e entre aluno - professor.

2. DESCRIÇÕES ACERCA DO ENSINO DA LITERATURA

Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade; se desistimos da leitura quando encontramos a primeira dificuldade. [...] Se um texto às vezes é difícil, insiste em compreendê-lo.

Paulo Freire³.

Não apenas nas aulas maternas, mas, sobretudo nas aulas de LE é de fundamental relevância nos atemos às considerações expressas por Freire no excerto acima. Quando Freire propõe aos leitores não desanimarem no primeiro obstáculo durante a leitura de um texto, ele acaba por construir um saber crítico, reflexivo e autônomo por parte dos alunos, visto que para se ler e interpretar um texto, o leitor deve concentrar-se e criar, mediante o auxílio do professor, estratégias de leitura, a fim de desvendar a mensagem central do texto. Para tanto, o professor pode sugerir que os alunos se valham de alguns recursos (dicionários, internet, textos, dentre outros.), tendo em vista o não comprometimento da leitura e, por consequência, a decodificação da mensagem. Por outro lado, quando se trata de aulas de LE, a motivação traçada pelo educador é um dos pilares a serem preconizados nas aulas de E/LE, pois um aluno desmotivado dificilmente terá progresso de aprendizagem, mas um aluno motivado pelo professor, bem como pelos colegas é capaz de assimilar melhor os conteúdos, como de se sentir instigado a pesquisar e desvendar os desafios, que por ventura apareçam no texto literário.

³ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

A formação do saber humano, o progresso das artes, da ciência, da filosofia e da religião se dão pelo intermédio da linguagem que permeia, organiza e edifica todas as atividades humanas. Não apenas a simbolização do mundo, dos elementos tangíveis e sociais, mas a constituição do ser individual, o norteamento dos pensamentos e dos nossos comportamentos, próprios ou alheios, se sucede na e pela linguagem. Nesse sentido as atividades vinculadas ao estudo da gramática perde o sentido, quando não atreladas ao desempenho linguístico dos estudantes, seja na recepção, ou na produção escrita e oral; a prática contínua destas modalidades associadas à reflexão contínua sobre o exercício da linguagem possibilita a extensão dos recursos expressivos; a leitura de textos literários, associados à observação e ao senso crítico/reflexivo de marcas linguísticas que recorrem, permite ao aluno estender seu repertório de conhecimentos diante da língua em estudo, como permite que ele saiba responder aos ditames impostos pelas variadas situações comunicativas.

A língua é uma potência ativa socialmente, sendo o centro pelo qual os indivíduos controlam outros indivíduos, ou resistem a este domínio; uma forma de modificar a sociedade ou impedir tais mudanças; confirmar ou omitir as identidades culturais. Ter o domínio da língua é, pois, uma forma de interação social. Não obstante, através da linguagem e dos símbolos nos é permitido compreender o mundo que nos cerca, dessa forma quando nos tornamos mais competentes nas variadas linguagens, nos tornamos mais aptos para desvendar e interpretar nossa sociedade, como as diferenças existentes entre as culturas. Por outro lado, de acordo com Machado (2011, p.109) a cultural muitas vezes é

[...] associada a tudo aquilo que buscamos como aspiração mais elevada, daí seu comparecimento nas estratégias educacionais como uma espécie de coroamento, de aprimoramento, de lustro, quando alguns objetivos básicos já tiverem sido atingidos. Mas, em seu sentido pleno, a experiência cultural não foge do conflito; ao contrário, é uma constante tensão entre destruição e recriação, entre barbárie e civilização. O desafio do educador não deve ser, portanto, o de apontar para a miragem de um mundo harmônico e perfeito, mas o de estar preparado, afetiva e intelectualmente, para interferir quando os conflitos emergirem, favorecendo um ambiente seguro para a interação na diversidade, em que os alunos possam, sem medo, refletir sobre valores e questionar estereótipos.

Trabalhar com LE não é uma tarefa fácil, principalmente quando se trata de colocar em estudo uma cultura diferente da cultura dos estudantes. O educador, portanto deve estar apto a construir junto de seus alunos novos conceitos e novos caminhos para desvencilhar as barreiras culturalmente construídas diante do outro. Consideramos muitas vezes que nossa cultura (gostos, vivências, costumes, religiões, dentre outros.) é superior e/ou melhor que a cultura colocada em discussão, quando comparada a nossa. Porém, como descreveu Machado (2011) no excerto acima, o grande desafio do educador é justamente o de vencer os preconceitos, bem como as rivalidades que possam aparecer durante as atividades na aula, sejam elas calcadas nos estereótipos, ou na falsa superioridade existente entre os povos (etnocentrismo). Assim, ainda segundo a autora, o professor não deve se constranger quando surgirem debates e, mesmo, certo estranhamento por parte dos alunos diante do novo e/ou desconhecido. Deve o educador, assim, estimular o senso crítico e reflexivo dos estudantes de maneira que eles consigam identificar as diferenças culturais existentes, entre a sua cultura e a cultura do outro; para que aprendam, dessa forma, a tolerar as diferenças. Além do mais, devemos considerar que ensinar uma segunda língua não é apenas assimilar vocábulos e regras, mais sim, tentar compreender e desfrutar dos costumes e hábitos de outros povos (nos constituirmos como cidadãos multiculturais e/ou pluriculturais).

A aplicação do texto literário nas classes de E/LE corrobora, então, para a humanização dos alunos, e segundo Gonçalves (2012, p. 43), a presença da literatura teria por finalidade formar cidadãos:

- livres;
- solidários;
- conscientes e em pleno exercício de suas potencialidades humanas (o pleno desenvolvimento do educando);
- conscientes e em pleno gozo de seus direitos civis e políticos (o preparo para o exercício da cidadania);
- aptos para o exercício profissional no mercado de trabalho contemporâneo (a qualificação para o trabalho);

O aluno para por em prática estes itens descritos por Gonçalves (2012), precisaria ter na escola o ensino da literatura. Com o intuito de propagar o pleno desenvolvimento crítico e cognitivo, por parte do estudante, as aulas de LE quando subsidiadas pela leitura, permitiria, assim, que o aluno se construísse de forma criativa, dinâmica e reflexiva. Com tais requisitos de construção cognitiva, o aluno torna-se mais flexível as barreiras que poderá enfrentar no convívio social e/ou profissional. As aulas de E/LE permitem, dessa forma, não apenas a alfabetização de uma outra língua, como também, pode agregar valores culturais e sociais, quando a consideramos como preconizadora de cidadania.

Gonçalves (2012) expõe, ainda, que a utilização do texto literário nas aulas de LE, ao estimular situações em que os alunos expressem suas opiniões e seus sentimentos, permite que a aquisição da língua seja mais rápida. Para tanto, o autor descreve que as crianças em nível básico de espanhol, ao serem motivadas a leitura, por exemplo, de um pequeno poema, associando gestos e entonações, podem fixar melhor o vocabulário e elementos gramaticais, como verbos. Além disso, o autor descreve que as aulas de LE que se valem do uso da literatura é capaz de instigar a imaginação dos alunos, a parte lúdica do cérebro, pelo gama de recursos de ambiguidades e figuras de linguagem, que são trabalhados nos textos. O que contribuiria de forma significativa para a habilidade leitora dos alunos, ao estimular o senso interpretativo deles, através das mais diversas interpretações que o texto nos permite construir. Ora, o texto literário não é fechado em si mesmo, pelo contrário, ele é aberto as mais variadas interpretações, sendo desvendado a cada nova leitura, podendo, muitas vezes perpassar as gerações e, assim, causar o mesmo estranhamento e identificação nos leitores. Ademais, Gonçalves discute que o texto literário forma e constroi indivíduos mais criativos e confiantes, pois permite que os alunos se expressem - discutam suas ideias e opiniões acerca dos textos trabalhados nas aulas.

Por outro lado, Antonio Candido (2006) discorre que a literatura não é para si mesma, mas para o social, sendo ela “sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; só vive na medida em que estes vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (p.84). Com tais descrições, ele explicita sobre a tríade autor/texto/leitor e suas relações, em que um texto só poderia existir com a presença de

dois elementos fundamentais: escritor e leitor. Ademias, para que uma obra, segundo o autor, tenha validade seria necessário a existência de um “pacto” entre autor e leitor - uma relação de cumplicidade, de troca e de reconhecimento, para assim, o texto se concretizar. Sendo o texto literário um elemento social, segundo o autor, pressupomos, então, que as construções intelectivas e interpretativas da literatura se dão no âmbito do coletivo e/ou para o coletivo, ou melhor, para seu público leitor (que se constitui por um gosto eclético e seletivo). Essas descrições sobre a literatura, na perspectiva de Antonio Candido (2006), nos permitiram considerar que o ensino da literatura se consolida pelo exercício interpretativo e receptivo dado a obra. Ao trabalharmos o texto literário nas classes de E/LE permitimos que o universo artístico se consolide no imaginário dos alunos, dando vida a um mundo mágico e repleto de sugestões semânticas e linguísticas, o que contribui significativamente para a aprendizagem de uma LE.

De igual modo, Regina Zilberman (2010) descreve que o ato de ler seria de suma relevância, pois

[...] a leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas. Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação. (p. 148).

Efetivamente, temos a criatividade como caráter de suma importância para a formação cognitiva dos indivíduos. Ao lermos um texto literário estimulamos nosso senso imagético e crítico, o que possibilita ao processo de ensino aprendizagem uma melhor formação dos alunos. Uma proposta coerente seria, então, através do texto literário criar estratégias de leitura e desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos, a fim de formar leitores proficientes. Para tanto, o professor trabalharia com predições acerca do texto selecionado. Discutindo com os alunos, previamente a leitura silenciosa, sobre o autor, a época, o gênero, o assunto abordado; por conseguinte deixar que os alunos façam a leitura individualmente e, dessa forma, desfrutem do universo ficcional do texto literário. Zilberman não apenas discute essas questões sobre a criatividade, como demonstra que ao lermos um texto literário o indivíduo

[...] abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desapareceram, e sim formam um pano de fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido. (2010, p. 42).

O mundo representado pelo texto literário corresponde a um grande mosaico. Personagens, objetos e espaços aparecem de forma incompleta e instigante, a fim de serem interpretados e memorizados pelo leitor (cabe ao leitor completar as lacunas existentes no texto). O exercício de completar as lacunas existentes no texto caracteriza a participação do leitor, que, todavia, não pode assegurar se suas interpretações são corretas, já que o texto por ser lacunar, nos permite várias traduções. Contudo, a cada nova leitura, o destinatário é convidado a participar do texto literário de forma a agregar novas possibilidades de interpretação e recepção.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação literária se apresenta como uma figura geométrica tridimensional, um triângulo multi/inter/transdisciplinar que utiliza a língua como instrumento de realização artística; que se define como expressão de arte e cultura; e que se situa em dado contexto social, político, histórico de produção e de consumo.

Leahy-Dios⁴

Diante de muitos questionamentos sobre a prática de leitura nas classes de E/LE – por nós posto como de suma relevância – procuramos em nosso trabalho, demonstrar como a literatura se faz de grande importância ao professor nas classes de LE, ao permitir um ensino “multi/inter/transdisciplinar”, como discutido no excerto acima. A literatura aplicada nas aulas de LE torna-se uma coadjuvante do processo de ensino-aprendizagem, bem como permite que os alunos tenham conhecimentos de elementos específicos da linguagem literária, como as figuras de linguagem. O estudante ao

⁴ LEAHY-DIOS, Cyana. *Língua e Literatura: uma questão de educação?*. Campinas-SP: Papyrus, 2001, p.49.

compreender a construção – a estrutura – do texto literário, acaba por internalizar elementos de grande valor para a construção do seu senso crítico, imagético e lúdico. Elementos esses capazes de colocá-los em consonância com os acontecimentos sociais políticos e culturais os quais eles estão inseridos, visto que a literatura amplia o senso crítico e reflexivo dos alunos, mediante sua linguagem metafórica e rica de elementos representativos de uma dada época e cultura.

Outrossim, os professores de língua estrangeira e/ou materna têm conhecimento de que ensinar línguas, não é apenas lecionar uma disciplina escolar. As práticas de escrita, fala, leitura e audição em línguas são atividades que requerem esforço e dedicação, além de serem práticas sociais destinadas a um fim. Os indivíduos necessitam da linguagem para se comunicarem e assim estabelecer relações sociais – interagir com o meio social o qual fazem parte. Por essa razão o domínio da linguagem se faz mister, enquanto atividade cognitiva e discursiva para uma melhor integração social dos indivíduos. Ao considerarmos, então, tais questionamentos, é possível inferirmos que a aprendizagem de uma segunda língua requer a integração do aluno enquanto sujeito ativo – participativo – ao meio social o qual deseja se comunicar. Assim, quanto mais reflexivo e crítico for o estudante, mais fácil será seu entendimento linguístico acerca da língua alvo.

De outra parte, o exercício de literatura nas classes de E/LE por nós proposto, se deu como um grande formador de sujeitos críticos, capazes de interagir socialmente com sua cultura materna, quanto com a segunda língua a ser aprendida. Dessa forma, a aprendizagem de uma língua por acontecer na interação verbal, mediante interlocutores edificados socioculturalmente, não pode ser assimilada sem a compreensão da cultura.

Ademais, para que a instituição de ensino consiga adaptar as aulas de LE, a um ensino mediado pela literatura, com seus diálogos, é necessário que se crie uma grade curricular que prestigie o plural e a diversidade cultural, seja a nacional como a internacional. O trabalho com o texto literário não traz apenas atividades de interpretação e de conhecimentos linguísticos e gramaticais, traz também, a possibilidade de compreender que a literatura se constitui como representante cultural e, portanto, se constroi em um dado contexto arraigado de costumes, crenças, religiões, dentre outros; o que acaba por constituir um povo e/ou uma nação.

A literatura representa o mundo, mas também é uma visão de mundo. O que importa no texto literário não é tanto o que se comunica, quanto a maneira por que é comunicado. A obra literária fecha-se a si mesma, com sua linguagem própria e singular cabendo a nós, leitores, desvendarmos essa linguagem e, por conseguinte, sua mensagem. Ora, o trabalho com o texto literário permite ao professor ampliar as formas tradicionais de ensino, ao trazer para as aulas a análise crítico-reflexiva, bem como a exercício lúdico e cognitivo por parte dos alunos.

Quando propomos, em suma, a prática literária nas aulas de E/LE objetivamos agregar ao ensino formal e/ou tradicionalista de práticas linguísticas e gramaticais, um ensino lúdico e crítico aos alunos. Com o texto literário, buscamos formar cidadãos participativos, capazes de interpretar os acontecimentos sociais/políticos/econômicos, bem como fossem capazes de compreender que a aquisição de uma segunda língua requer, também, o conhecimento da cultura da língua alvo. O estudo de um outro idioma não é apenas a assimilação de códigos linguísticos, mas é sobretudo, compenetrar-se de uma nova cultura, mediante a tolerância e o respeito (alteridade).

As atividades de LE que trazem a literatura como coadjuvantes das aulas, por nós posto neste estudo, têm muito a ganhar com as leituras dos textos ficcionais, já que permite o exercício interpretativo, recreativo e cognitivo dos estudantes. As leituras ficcionais são repletas de elementos representativos de uma dada cultura, o que permite ao aluno refletir, não apenas em sua própria cultura, mas, sobretudo, em relação à cultura do outro. Compreender, assim, que o outro faz parte de costumes e crenças que muitas vezes são capazes de causar estranhamento e preconceito por aqueles que não estão acostumados, ou melhor, devemos tolerar os hábitos culturais diferentes dos nossos.

Aprender uma nova língua requer, dessa forma, não apenas o conhecimento gramatical e linguístico, como o cultural. Para tanto, as práticas literárias nas classes de E/LE discutidas no nosso trabalho, fica como proposta a ser analisada pelos profissionais do ensino. Através da literatura expor aos alunos uma nova maneira didática e/ou metodológica de aprender uma LE, e por consequência, permitir que esse aluno desenvolva um olhar crítico e interpretativo acerca da língua a ser estudada.

Permitindo, ainda, que o estudante desenvolva de forma lúdica seus caminhos para desvendar e assimilar o novo idioma.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. *A aula*. São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CÂMARA, J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

COSTA, Marisa V. “Estudos Culturais: para além das fronteiras disciplinares”. In.: _____. *Estudos Culturais em educação*. Porto Alegre: editora UFRGS, 2000, p. 13-36.

EAGLETON, Terry. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FAZENDA, Ivani (Org.). *Práticas Interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: entre artigos que se completam*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONÇALVES, Jeosafá F. *Ensino é crítica: a literatura no Ensino Médio*. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.

LEAHY-DIOS, Cyana. *Língua e Literatura: uma questão de educação?*. Campinas-SP: Papyrus, 2001.

MACHADO, Jurema. “Reflexões sobre a relação entre cultura e a experiência da educação básica no Brasil”. In.: _____. COELHO, Teixeira (Org.). *Cultura e Educação*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2011.

MARTINS, Maria H. *O que é Leitura?*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino de literatura*. Curitiba: Ibipex, 2010.